

EXPANSIONISMO MERIDIONAL LUSO-BRASILEIRO

(Conclusão)

Cel Cav MOACYR RIBEIRO COELHO

Oficial de Estado-Maior

3^a PARTE — LUTAS PELA MANUTENÇÃO DA POSSE

I — LUTAS EM TORNO DA COLÔNIA DO SACRAMENTO

A — PRIMEIRO ATAQUE À COLÔNIA

Apenas fundada a Colônia do Sacramento e já o Governador de Buenos Aires, Dom José de Garro, intimou Manuel Lôbo a evacuar a praça e, com a aprovação do Vice-Rei do Peru, organizou uma expedição militar que confiou ao comando do Mestre-de-Campo Vera Mujica.

Este, a 6 de agosto de 1680 surgiu ante o campo entrincheirado de Sacramento comandando um forte contingente formado por tropas espanholas recrutadas nas províncias de Buenos Aires, Córdova, Tucumã e Paraguai além de um grande contingente de índios missionários, mais de 2.000 cavalos de investida e 200 bois de carreto para tracionar a artilharia. O deslocamento dêste, para a época, poderoso exército, fêz-se em 30 jangadas que transportaram 1/3 do efetivo, marchando o restante por terra, ao longo das ribanceiras, de modo a não perderem o contato com as embarcações. Precedidos dos cavalos chucros, seguiam 3.000 índios combatentes organizados em 3 brigadas sob o comando dos índios João de Aguillera, João de Fructos e Alexandre Aguirre; na cauda, os soldados espanhóis de tropa a sólido, ao comando do Mestre-de-Campo Dom Francisco de Gusman y Tejada, da cidade de Córdova. Em Buenos Aires permaneciam 2.000 homens para a defesa da cidade.

O curioso plano de ataque do chefe espanhol — que consistia em lançar a bagualada alçada, precedendo o assalto dos guaranis — foi modificado a pedido dêstes que, com razão, temeram sucumbir às patas dos animais quando êstes, assustados pelas bombardas do Forte, refluxsem sobre a tropa indígena que lhes seguia no encalço.

No decorrer do dia 6 os espanhóis reconheceram a posição portuguesa e, aos primeiros albores do dia seguinte, deram início ao combate lançando ao assalto as hordas guaranis que, encorajadas pelo número, caíram sobre as fortificações de forma avassaladora, despre-

zando o fogo cerrado dos defensores. A massa informe dos guerreiros bravios, sedentos de saque, enchia os fossos de cestões e faxinas humanas enquanto que novas levas, subindo umas sobre as outras, iam galgando as escarpas e parapeitos até chegarem ao combate corpo a corpo.

A derrota dos portuguêses, apesar do extremo valor com que se bateram, era inevitável. Muito inferiores em número foram dominados depois de 3 horas de combate corpo a corpo que vitimou a maior parte da guarnição, inclusive o Capitão Manuel Galvão e sua esposa que combateu ao lado do marido até ser mortalmente ferida.

Mal iniciada pela carência de tudo, sem elementos de subsistência, excessivamente afastada dos outros pontos de apoio, a Colônia teria de enfrentar quase sózinha um inimigo poderoso que contava com o auxílio dos jesuítas e dos seus exércitos, milhares de índios aguerridos e ávidos de saque.

Devastada a praça, que se tornou prêsa de selvageria dos índios do Padre Altamirano, foram os prisioneiros conduzidos para Buenos Aires e daí para Lima. Dom Manuel Lôbo, devido a seu estado de saúde, foi levado para Córdova, de onde retornou a Buenos Aires ai falecendo em 7 de janeiro de 1883.

O Tratado Provincial de 1682 determinou a entrega da Colônia aos portuguêses recebendo-a de volta o governador do Rio de Janeiro, Duarte Teixeira Chaves, a 12 de fevereiro de 1683, que a entregou à direção do Mestre-de-Campo Cristóvão de Ornelas Abreu.

Dom Francisco Naper de Lancastre, assumiu o comando da Praça de Guerra em 1689 e realizou uma administração fecunda até 1699, quando foi substituído por Sebastião da Veiga Cabral.

B — SEGUNDO ATAQUE A COLÔNIA

Passados vinte ano de paz na Colônia, mas durante os quais Portugal não procurou expandir a sua colonização por outros pontos da costa, começaram os acontecimentos europeus a preocupar o governador Veiga Cabral que providenciou o reaparelhamento das fortificações e obras de defesa. O motivo de apreensão residia na Guerra de Sucessão da Espanha (1700/1714), motivada pela disputa da coroa desse país pretendida por dois candidatos: o Arquiduque Carlos, apoiado pela Áustria, Inglaterra, Holanda e Prússia e Felipe V, neto de Luiz XIV, que era sustentado pela França, Baviera e Espanha.

Portugal que, em 1701 firmara a aliança com a Espanha, em 1703 passou-se para a Inglaterra motivando represálias de Felipe V que ordenou ao governador de Buenos Aires, Mestre-de-Campo Dom Alonso de Valdez Inclan se apoderasse da Colônia do Sacramento.

Para Buenos Aires, a Colônia representava um grande inconveniente de natureza econômica em virtude de intenso contrabando de fumo, açúcar, bebidas alcoólicas e escravos negros que por ali transi-

tavam ao mesmo tempo que se fazia importação clandestina de farinha de trigo, charque e pão. A importância desse intercâmbio fazia-se sentir em Buenos Aires através da diminuição das rendas públicas.

Os preparativos para o sítio começaram em junho de 1704, tendo Inclan solicitado reforços de Tucumã, do Paraguai e das Missões Jesuíticas. Do Vice-Rei do Peru recebeu um contingente de tropas espanholas. Dispunha o governador de Buenos Aires, nessa cidade, de cerca de 2.000 homens entre tropas regulares, milicianos e índios. Para o comando do exército invasor foi nomeado o Sargento-Mor da Praça de Buenos Aires, Dom Baltazar Garcia Ros e comandante da Cavalaria o Capitão Dom Martins Mendez, perfazendo o efetivo total 6.000 homens, bem apoiados por artilharia.

A travessia do rio, numa distância de oito léguas, foi feita em uma sumaca, duas lanchas e uma barca, permanecendo em Buenos Aires guarnição suficiente para atender à defesa da cidade.

A 18 de outubro de 1704 apresenta-se Inclan frente à Colônia e após uma série de formidáveis e cruéis combates, Veiga Cabral abandona a praça embarcando na esquadra portuguesa chegada em seu socorro. Antes de abandonar a fortaleza, Veiga Cabral embarcou toda a artilharia menos seis peças de grande calibre que mandou encravar bem como fêz embarcar a totalidade dos soldados e moradores com seus objetos de valor. A seguir foi a praça incendiada, de modo que quando os espanhóis aí penetraram a 16 de janeiro de 1705 encontraram-na arrasada.

O sítio, que durou seis meses, foi dos mais severos e comportou diversas investidas infrutíferas.

Durante dez anos ficaram as ruínas da Colônia abandonadas até quando, em 1716, o Mestre-de-Campo Manuel Gomes Barbosa, nomeado governador tomou posse do cargo em virtude de ter a fortaleza revertido à soberania portuguesa por efeito do Tratado de Utrecht (1715).

Pode-se datar daí a verdadeira fase militar da Colônia do Sacramento que, até então, abstraindo de uma pequena guarnição e uns poucos casais, não recebera o influxo do povoamento. Desta vez, porém, trazidos pelo Sargento-Mor Antônio Rodrigues Carneiro, recebeu a Colônia sessenta casais de agricultores e artífices oriundos de Trás-os-Montes, cujos descendentes irão povoar o Presídio do Rio Grande em 1737, quando de sua fundação.

Em 1718, juntamente com tropas trazidas do Reino e do Rio, um total de 333 pessoas aportam à Colônia. Com este impulso, e a radicação do homem à terra, ela prosperou grandemente desenvolvendo atividades várias, indústria e comércio.

C — ASSÉDIO DE 1735/1737 — FUNDAÇÃO DO PRESÍDIO DO RIO GRANDE

Quando, em 1712, as relações luso-espanholas foram restabelecidas, o Tratado de Utrecht (6 Fev 1715), nos seus arts. V, VI e VII, tentou solucionar a pendência relativa à Colônia do Sacramento.

A maneira pouco clara, porém, como foram redigidos êsses itens do Convênio acarretou uma série de complicações e inconvenientes de profundas conseqüências.

A dúvida nasceu, principalmente, da interpretação que deveria ser atribuída à palavra "território", do art. VI do Tratado. Os espanhóis opinavam que se referia, apenas ao território correspondente ao alcance de um tiro de canhão, enquanto que os portuguêses queriam que comprehendesse toda a margem setentrional do Prata.

Tais divergências é claro, teriam que embaraçar a missão do governador de Santos, Manoel Gomes Barbosa, encarregado pelo governo português de receber a Colônia.

Barbosa chegou ao Prata em fins de outubro de 1716, recebendo o núcleo português em novembro do mesmo ano.

A primeira metade do ano de 1717 foi gasta na normalização da vida na praça portuguêsa.

As impertinências dos espanhóis fizeram com que Gomes Barbosa escrevesse uma carta ao Rei de Portugal, solicitando instruções relativas aos limites que deveriam ser restabelecidos entre portuguêses e espanhóis e, ao mesmo tempo, sentindo o isolamento em que se achava a Colônia do Sacramento, sugeriu a fundação de outro povoado na região onde hoje se ergue a cidade de Montevidéu.

Durante o governo de Barbosa chegaram cerca de sessenta casais, que deram um grande impulso à Colônia.

O desenvolvimento do núcleo português não passava despercebido dos espanhóis os quais insistiram, sem resultados práticos, em manter os lusos dentro dos limites de alcance de um tiro de canhão.

O substituto de Gomes Barbosa foi o Mestre-de-Campo Antonio Pedro de Vasconcelos.

O novo governador, que assumiu o cargo em março de 1722, teve oportunidade de receber ordens do próprio Rei de Portugal, Dom João, nas quais afirmava que "a praça da Colônia era de tanta importância para a sua Coroa que não a trocaria pelo mais vantajoso equivalente que lhes oferecessem os castelhanos". Este fato mostra o interesse que o Rei tinha em efetivar sua soberania na margem setentrional do Prata.

Circulando naquela ocasião, rumores de que os espanhóis tentavam instalar-se na região de Montevidéu, decidiu Dom João, em junho de 1723, que os portuguêses deviam preceder seus rivais neste intento.

Foi encarregado da missão o Mestre-de-Campo Manuel de Freitas da Fonseca, o qual, em novembro de 1723, desembarcando na região escolhida, ali ergueu uma pequena fortificação.

A reação espanhola foi imediata. Dom Bruno Zabala, no momento Governador de Buenos Aires, ao mesmo tempo que protestava junto

ao Governador da Colônia, organizou uma expedição para desalojar os portuguêses.

Atemorizado com as ameaças feitas por Zabala, resolveu Manuel da Fonseca retirar-se para o Rio sendo por isso, preso e submetido a Conselho.

Com a retirada dos portuguêses, Zabala instalou-se no ponto cobiçado.

Seguiram-se anos de relativa calma, durante os quais os lusos foram, silenciosamente, estendendo seu domínio.

Um fato, no entanto, preocupava o dirigente da Colônia. Era êle a ocupação de Montevidéu a qual dificultava sobremodo a ligação pelo litoral. E a descoberta de um caminho terrestre que ligasse a Colônia a algum ponto da costa brasileira, passou a ser a principal preocupação de seu governador.

A substituição de Bruno Zabala por Dom Miguel Salzedo, em 1734, veio reacender as hostilidades no Prata. É que o governador trazia ordens severas para encerrar os portuguêses nos limites que o Rei de Espanha julgava de acordo com o Tratado de Utrecht.

Logo após sua chegada a Buenos Aires, Salzedo enviou uma carta a Vasconcelos dando notícia de suas intenções e convidando o representante português a iniciar os entendimentos necessários.

O Governador da Colônia do Sacramento, sem poderes e sem instruções recusou qualquer acordo sob o fundamento de que, se na realidade, Sua Majestade Católica tinha enviado aquelas ordens, não deveriam tardar instruções no mesmo sentido da Corte de Lisboa.

Salzedo ainda procurou convencer Vasconcelos, mas, sem conseguir o que desejava, rompeu relações com os portuguêses e iniciou os preparativos para atacar a praça.

O Governador da Colônia apresentou imediatamente um protesto formal, datado de 15 de maio de 1734 o qual teve como resposta uma ameaça de Salzedo de que "a não contar-se a guarnição da Colônia nos limites do tiro de canhão, ficaria o Governador dela responsável por todos os danos e perdas que se seguissem para os dois Monarcas e que, na falta desta regularidade, forçosamente se havia de usar o direito que corresponde em semelhante caso, pois só com armas se proporcionava a devida satisfação de um agravio tão notório".

A resposta de Vasconcelos foi dada à altura e afirmava que "enquanto o Senhor Dom Miguel de Salzedo não lhe fizesse ver o escrito público da convenção ou ajuste entre as coroas de Portugal e de Castela, estipulando que o território da Colônia se regula pelo alcance de um tiro de canhão, reputaria por violência e perturbadora da paz qualquer operação que se encaminhe direta ou indiretamente a obrigar tão estranha novidade".

Em junho de 1734, chegou uma embarcação à Colônia, vindas diretamente de Lisboa, trazendo a notícia da possibilidade de uma guerra próxima entre Portugal e Espanha.

Estavam os acontecimentos neste pé, quando, em setembro de 1735, Salzedo recebeu ordens da Corte para iniciar as hostilidades.

Ansioso que estava por esta determinação, convocou sem perda de tempo suas forças e com o auxílio de 10.000 índios pedidos de reforço ao Paraguai, atravessou o rio e sitiou a praça portuguêsa.

O cerco impôsto pelos espanhóis aumentava as dificuldades da Colônia dia a dia. Os gêneros escasseavam, a fome se avizinhava e não chegavam os reforços esperados do Rio de Janeiro.

Disposto a aliviar êsse estado de coisas, resolveu o governador português apossar-se do núcleo espanhol de Montevidéu. Foi encarregado da missão o Brigadeiro Silva Paes que partiu de Santa Catarina em agosto de 1736.

Ao chegar ao Prata, verificou o Brigadeiro Silva Paes que suas forças eram bem inferiores às espanholas e, em consequência, reuniu um Conselho de Guerra, no qual ficou decidida a não realização do ataque.

A notícia dêsse insucesso causou grande desapontamento em Gomes Freire que, não obstante, procurou reforçar a expedição de Silva Paes, e transmitiu-lhe a ordem de fundar um novo núcleo na região da bôca do Rio Grande.

A idéia dessa fundação era antiga e visava facilitar a ligação terrestre com a Colônia do Sacramento.

Decidido a cumprir pelo menos parte de sua missão, deixou Silva Paes alguns elementos bloqueando Montevidéu e dirigiu-se para o Rio Grande onde fundou, em 1737, o Presídio de São Pedro, ou de Rio Grande de São Pedro, novo pôsto avançado do domínio português na América.

O insucesso na conquista de Montevidéu deixou a Colônia do Sacramento isolada entre aquêle núcleo espanhol, que lhe cortava as ligações, e o Rio São João que limitava as comunicações por terra. As hostilidades no Prata foram suspensas com a chegada, em princípios de setembro, da notícia da assinatura do armistício datado de março de 1737, celebrado entre Portugal e Espanha, e no qual se estabelecia que as coisas ficariam no mesmo estado em que se achassem no momento em que as ordens chegassem, até o ajuste definitivo das reclamações pendentes.

Continuavam, dêsse modo, os portuguêses na posse da Colônia, mas o governo de Buenos Aires manteve o pesado bloqueio que causava enormes prejuízos ao comércio português.

Salzedo foi substituído, em outubro de 1740, por Dom Domingo Porti Rosas, o qual, por sua vez, teve como sucessor Dom José Andonaegui que assumiu o governo em dezembro de 1745.

A substituição do Brigadeiro Antônio Pedro de Vasconcelos teve lugar em fevereiro de 1749 depois de 27 anos de um governo cheio de lutas mas também pontilhado de ações dignas de serem citadas. Seu substituto foi Luís Bivar.

Esta foi a última vez em que a disputa militar girou em torno da posse da cidadela. Segue-se, como se verá, a guerra guaranítica que não repercutiu militarmente na Colônia.

A partir de 1760, porém, as lutas assumem maiores e mais amplas proporções e os embates que envolvem a Colônia não o fazem mais de forma isolada visto que ela, agora, já se entrosa no Continente de São Pedro o qual passará a constituir o grande objetivo das disputas.

II — O TRATADO DE MADRI E A GUERRA GUARANÍTICA

A onerosa e improdutiva campanha de 1735/1737 sustentada na América por Espanha e Portugal, deve ter servido para evidenciar aos respectivos governantes quanto à necessidade de procurar limites mais coerentes para as Colônias do que o imaginário meridiano de Tordesilhas. A situação das lindes territoriais, a essa altura, estava tão profundamente perturbada que já não mais seria possível pretender a Espanha restaurar a fronteira de 1494, aliás nunca respeitada pelos paulistas.

Da linha de demarcação de Tordesilhas que, partindo da Ilha de Marajó afundava no oceano à altura de Iguape (ou Laguna, segundo os cálculos mais favoráveis), a fronteira de fato já andava, ao sul, pela margem setentrional do Prata e atingia pelo Oeste a linha dos Rios Paraguai, Madeira e Javari e que equivale a dizer, constituída com ligeiras diferenças a fronteira atual do Brasil.

Essas circunstâncias criaram em ambas as Côrtes uma mentalidade acomodatícia, favorável a um acordo pacífico e razoável, aspiração que era reforçada pelo estreito grau de parentesco entre os imperantes. Realmente, quando em 1746 Fernando VII ocupou o trono espanhol, seu matrimônio com D. Bárbara de Bragança, filha de Dom João V, de Portugal, estabeleceu entre as duas casas uma estreita relação de familiaridade.

Facilitado por este clima de entendimento e compreensão celebrou-se, então, o Tratado de Madri (1750) o qual, na região Sul estabeleceu a fronteira pelo Ibicuí até o Uruguai, por este abaixo até o Peperiaguaçu e por este até as suas cabeceiras; daí em linha reta até o Santo Antônio e por este até sua foz no Iguaçu.

Este convênio — que tanto honra os governantes e diplomatas que o conceberam e levaram a efeito — tem o seu ponto alto na permuta

amigável da Colônia do Sacramento pelos Sete Povos das Missões, ato que caracterizava por parte de Portugal a desistência no condomínio do estuário dando-lhe, ao mesmo tempo, uma compensação territorial que lhe permitia levar até uma divisa natural e lógica a raia divisória do Brasil.

Com isso estariam abolidas as dissensões que, havia mais de dois séculos, desgastavam as energias colonizadoras das duas potências ibéricas. O tratado, malgrado o inconveniente de deslocar os índios missioneiros, inconveniente sem dúvida ponderável, constitui elevado exemplo de espírito prático, moderação e inteligência e cujo acerto os fatos posteriores se encarregaram de patentear, embora por caminhos que não os da paz que o acôrdo preconizava.

Opiniões de peso, todavia, manifestaram-se desde o início contra o convênio de Madri, motivadas por duas razões principais: de um lado, os jesuítas movimentaram o seu prestígio universal no sentido de manterem a posse de um território de que se julgavam possuidores; e de outro, uma importante corrente de políticos e comerciantes interessados no rendoso contrabando que se operava através da Colônia, desenvolveram, por razões óbvias, considerável influência em oposição ao tratado que, apesar de tudo, entrou em execução devido à plêiade extraordinária de homens valorosos que tomaram o encargo de efetivá-lo.

A aplicação do convênio foi confiada a comissões designadas pelas duas nações e comportavam duas equipes de demarcadores: uma para o Amazonas e outra para o Rio da Prata.

Para chefiar os trabalhos nesta área Portugal designou Governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade e a Espanha indicou o Marquês de Val de Lírios, Ministro do Conselho das Índias.

Iniciados os trabalhos em Castilhos Grandes a 1 Out 1752, tiveram que ser interrompidos quando alcançavam os demarcadores a capela de Santa Tecla, estância do Uruguai, onde ocorreram sinais de conspiração e insubordinação dos índios que, chefiados por José Tiaraju, mais conhecido por Sepé, manifestavam sua oposição em acatar as decisões do tratado, alegando que as terras lhe pertenciam por vontade de Deus e designação de São Miguel.

Também contra os postos lusos que gravitavam em torno do baixo Jacuí, manifestou-se a rebeldia indígena, insuflada discretamente pelos jesuítas.

Mas as Côrtes, decididas como estavam em efetivar o tratado, não hesitaram em empreender a luta contra os índios, luta que passou à História com a denominação de

GUERRA GUARANÍTICA

Esta guerra compreende duas campanhas: a primeira realizada em 1754 e a segunda em 1755/56.

Na primeira escaramuça, de acordo com os planos de operações traçados pelos chefes dos dois exércitos, agora aliados, português e espanhóis marcham separados. O exército espanhol, sob o comando do governador de Buenos Aires, Dom José Andonaegui, deveria atacar o povo de São Borja até 16 de julho, ao passo que o exército lusitano atacaria ao mesmo tempo o povo de Santo Ângelo. Uma esquadilha dominaria as águas do Rio Uruguai e impediria a vinda de qualquer socorro da margem direita do rio, onde fervilhava o mundo silvícola das reduções jesuíticas.

O exército espanhol partiu de Buenos Aires em maio, quando já começavam os frios de inverno. Em julho ainda se achava à altura do Salto Grande do Rio Uruguai, isto é, a mais de 60 léguas do centro populoso que lhe cabia atacar. Não vão os espanhóis além de Caasapá, de onde, pela deficiência de recursos e em vista do rigor da situação, retrocedem até Dayman. Aí são atacados por bandos de índios de La Cruz e Iapeju (território hoje argentino pouco ao norte da foz do Ibicuí), os quais facilmente repelem. De recuo em recuo, voltam as tropas espanholas ao ponto de partida, deixando seu aliado disposto a arcar sózinho com o peso da guerra.

Os portuguêses por sua vez, se movimentam no momento preciso do povoado de Rio Grande, sob o comando de Gomes Freire de Andrade, atravessam, embarcados, a Lagoa dos Patos, tocam em Pôrto de Viamão (hoje Pôrto Alegre) sobem o Rio Jacuí, tocam ainda em Santo Amaro e vão até a região de Rio Pardo com a intenção de ocupar a fortaleza de Jesus Maria José, junto a qual acampam. Fazem construir uma ponte, tendo como flutuadores dezoito canoas, obra em que o comando emprega aventureiros paulistas, habilíssimos em vencer dificuldades desses sertões e assim atravessam o Rio Pardo (afluente do Jacuí). Já na margem oposta do referido rio, prosseguem por terra até as faldas dos montes de Botucaraí. Nesse local, foi o exército português surpreendido por uma enchente temerosa. As águas invadiram os acampamentos. Homens e animais refugiaram-se nos pontos mais altos do terreno. A extensa várzea, sob o lengol líquido, tornara-se um mar de água doce. Os armazéns não dispunham de meios apropriados para levar aos pontos de distribuição os recursos alimentares, podendo utilizar-se apenas, coisa natural daqueles tempos, de carros de boi, e de pequenos barcos de madeira ou de couro. As patrulhas inimigas picavam de todos os lados o exército português, ao passo que o exército espanhol recuara, como já vimos, desistindo de cumprir a missão que lhe fôra atribuída.

Nessa situação, quase desesperadora, Gomes Freire de Andrade viu-se obrigado a assinar uma trégua com os índios rebelados, o que teve lugar no dia 14 de novembro de 1754. Começa então a retirada. Não há pressa na descida. Na borda do Jacuí está a povoação de Pôrto de Viamão onde sempre haverá maiores recursos para refazer as tropas exaustas. Certamente, tendo em vista a experiência adquirida, Gomes

Freire de Andrade não pensa em voltar à carga pelo mesmo caminho. Os transportes marítimos estão a indicar o povoado de Rio Grande para refazer o exército português e preparar uma nova campanha, apesar dos obstáculos opostos pela barra que dá acesso a êsse ponto. O exército lusitano entra assim a percorrer, andando agora em sentido contrário, o mesmo caminho fluvial e lacustre que utilizara na sua investida contra o território missionário.

Nesses preparativos escoou-se o ano de 1755, quase todo.

Que fará o inimigo? Os índios apenas se defendem, pelo menos nos domínios estratégicos. O seu comando, exercido pelo jesuíta alemão Thadeu Henis, tenta apenas ganhar tempo. Os soldados missionários mostram-se em geral muito inferiores aos seus adversários. Impossibilitados de opor força, esperam a alteração que a política européia prometia.

Em fins de 1755 concerta-se novo plano de campanha. Os dois exércitos aliados devem reunir-se antes do choque com o inimigo.

Na execução desse segundo plano de campanha os portuguêses deixam o povoado de Rio Grande no dia 7 de dezembro de 1755, tendo como ponto de primeiro destino a região em que haviam construído um Forte, à margem do Rio Piratini, na imediação da atual cidade de Pelotas, local em que se colocariam armazéns de víveres e munições; os espanhóis saem de Montevidéu uma semana mais tarde e rumam para o ponto de concentração, nas cabeceiras do Rio Negro.

O exército espanhol compunha-se de 1.500 combatentes, recrutados em várias partes dos seus domínios; o exército português, formado igualmente por elementos recrutados em todo o país, ascendia a pouco mais de 1.000 homens.

As forças de Gomes Freire de Andrade contavam com 7 peças de bronze de calibre 2, 3 peças de calibre 1, a que chamavam de "amiudar", 14 carros manchegos, 3 carros de boi carregados de pólvora, 152 carros de boi para transporte das bagagens, 3.760 cavalos, 261 béstias de carga, 1.816 bois de carros, 2.823 bois de corte, um número elevado de homens práticos da terra, guardadores de gado (peões), conhecedores do terreno (vaqueanos), etc.

Os espanhóis devem ter marchado de Montevidéu, que foi o seu ponto de partida, ntais ou menos pelo atual eixo ferroviário que liga Montevidéu a Cerro Largo e, sempre pelos regatos que constituem os mais afastados formadores dos Rios Negro e Jaguarão, acamparam no Rincão Del Rei. Os portuguêses galgando uma ramificação oeste-leste da Coxilha Grande seguiram aproximadamente o traçado da atual estrada de ferro Pelotas — Bagé, isto é, as mais altas terras que separam as águas do Rio Camaquã das do Rio Jaguarão e estacionaram perto dos espanhóis.

No dia 16 de janeiro de 1756 estava terminada a fase preparatória do segundo plano de campanha, pela reunião dos dois exércitos numa posição central. O rincão (ângulo de confluência de dois rios ou arroios em que estacionou o exército português tomou o nome de Campo das Mercês, devido ao grande número de promoções de oficiais, ali levadas a efeito por Gomes Freire de Andrade.

Os dois exércitos ainda ali se achavam em começos de fevereiro quando um reconhecimento espanhol composto de 16 homens choça-se com destacamento indígena do povo de São Miguel que, aparentemente pacífico, extermina êsse grupo espanhol, entre Santa Tecla e Batovi (imediatas da atual cidade de São Gabriel). Animados os soldados missioneiros com êsse sucesso, reforçam-se e vêm ocupar uma altura à vista dos exércitos aliados. Contra êles os ibéricos enviam um destacamento composto de elementos dos dois exércitos e na peleja que se seguiu foram os índios desbaratados, morrendo o seu chefe, o indígena José Tiaraiú também chamado Sepé. A êste choque de vanguardas seguiu-se uma ação muito importante, a batalha de Caibaté ou Caaibaté, que tirou seu nome da região em que a luta se travou, perto das nascentes do Rio Cacequi. Essa batalha não passou de um terrível morticínio de silvícolas mal armados, mal dirigidos e sem qualquer instrução militar digna desse nome, levado a cabo pelos melhores soldados que Portugal e Espanha haviam podido reunir em suas colônias do Sul do Brasil e Rio da Prata.

No dia 10 de fevereiro de 1756, postos em marcha os exércitos aliados que, pelo dorso da Coxilha Grande deviam prosseguir para o norte, tiveram o caminho interceptado por um numeroso corpo de tropa inimiga, comandado por Nicolau Languiru ou Neenguiru, chefe indígena de elevada categoria entre os seus, pois era o corregedor do povo de Conceição.

Espanhóis e portugueses marchavam separadamente, como é natural, a meia légua de distância, ou seja aproximadamente uns três quilômetros. O movimento era lento, pois não existiam estradas nem obras de arte e cada exército arrastava em sua esteira um pesado comboio. As tropas só marchavam de 15 a 20 quilômetros por dia e nas primeiras horas da manhã, devido ao calor.

A tropa missioneira colocou-se atrás de um arroio e cobriu-se com rudimentar linha de trincheira, utilizada mais como obstáculo do que como elemento de luta. O seu chefe concordaria, conforme declarou, em deixar livre o caminho, caso o comando aliado obtivesse dos padres a permissão para prosseguirem sua marcha. A proposta foi considerada um ardil do comando indígena para ganhar tempo e receber reforços. Nessa convicção passaram os aliados ao ataque.

O comando aliado empenha suas tropas num ataque frontal, que faz poucos progressos, mas que naturalmente contribui para fixar o inimigo e facilitar a manobra contra suas alas. Um destacamento de

tropas portuguêses, comandado pelo Coronel Tomaz Luís Osório e composto de uma companhia de granadeiros, duas peças de artilharia de pequeno calibre e três esquadrões de dragões, é lançado em seguida contra a ala direita das tropas inimigas, ao passo que parte da cavalaria espanhola ataca a ala esquerda do adversário, desbordando-a. O destacamento português esmaga as tropas indígenas que encontra pela sua frente e cai sobre a retaguarda dos defensores da posição, ao tempo que a cavalaria espanhola, facilitado o seu empreendimento por este sucesso de seus aliados, desbarata as formações inimigas que lhe são opostas e toma de revés parte da linha de defesa dos soldados missionários. As tropas de Nicolau Languiru, tomadas de pânico, põem-se em desordenada fuga e são perseguidas tenazmente.

Foi uma espécie de Caças: os atacantes, informa um cronista, não tinham que lutar, mas apenas que matar inimigos em fuga, como feras acuadas. Ficaram mortos no campo mais de 1.200 índios, inclusive o seu valente chefe, o que causou espanto entre os seus parentes, que, mais tarde, em prantos, vinham reconhecer os cadáveres. Acrescente-se todo o material de guerra que lhes foi tomado: lanças, flexas, três peças de artilharia de calibre um, algumas espingardas, etc.

As perdas dos ibéricos foram insignificantes. Os espanhóis tiveram dois mortos e dois feridos; os portuguêses, dois mortos e dezoito feridos, incluído nesse número o valente chefe do destacamento, Coronel Tomaz Luís Osório, que conduziu a fundo a manobra envolvente.

Após um pequeno descanso, pôde o exército prosseguir na sua marcha contra o território das chamadas missões orientais do Uruguai, sem encontrar, a comêço, qualquer obstáculo.

No entanto, a grande vitória de Caibaté não abrira ainda aos invasores as portas do território inimigo. O estudo de documentos relativos a êsses acontecimentos e da carta topográfica da região permitem concluir que o exército aliado depois de ter alcançado a região ao norte de São Gabriel (Batovi), a leste do atual entroncamento de Cacequi, mudou a sua direção de marcha para nordeste a fim de despontar pelas cabeceiras dos formadores do Rio Vacacai, sem as incômodas travessias de diversos cursos d'água.

No dia 22 de março o exército aliado aproxima-se de uma colina matosa, no cimo da qual uns sessenta índios a cavalo embargavam o passo. O chefe português recorre à manobra para tirá-los dali e envia sobre a direita da força adversa uma companhia de granadeiros que, segundo a tática de então, reforçou com uma peça de artilharia de pequeno calibre e combinou essa arremetida com o envio de tropas de cavalaria lançadas à esquerda da posição ocupada pelos missionários.

A tropa indígena que ocupava o que poderíamos denominar de uma posição avançada, refluíu aos primeiros tiros da artilharia adversária, certamente por se sentirem tomados de flanco pelo destacamento português e com a retaguarda ameaçada pela cavalaria. Retraendo para

o interior da mata, seguiram-lhe os ibéricos no encalço topando com obras de fortificação que estavam guarnecidias por numerosas tropas, em verdade muito mal armadas e carentes de artilharia e de outras armas de fogo em número suficiente.

Reconhecida a posição, o comando português montou um ataque em regra, concentrando sobre ela os fogos de tôda a artilharia e tentando apanhar o adversário entre as pontas de uma tenaz, formada por destacamentos que enviou sobre os dois flancos das tropas missioneiras. A manobra mais uma vez produz bons resultados: o inimigo é facilmente desalojado e posto em fuga, perdendo todos os seus equipamentos e as armas de que dispunha na posição. O recuo porém se faz em tempo de evitar um desastre da ordem do que ocorreu em Caibatá.

Depois disso, tratou o comandante aliado de subir da planície para a serra através da localidade de Bôca do Monte no que foi gasto quase um mês de penosíssimo trabalho, carregando a braços tôda a bagagem e os canhões, visto que o frio intenso do inverno matara quase todos os animais de trabalho.

No dia 21 de abril o exército aliado terminara a subida da serra, depois de empregar 300 sapadores em abrir e melhorar o caminho.

Depois que os chefes missioneiros viram os soldados inimigos vencer as enormes dificuldades do terreno e penetrar no território das suas cidades principais, resolveram disputar-lhes o passo em cada ponto de difícil acesso ou de travessia.

Novamente em marcha, o exército se orienta para a povoação de São Miguel, uma das mais importantes das Missões Orientais, movendo-se com pouca rapidez porque os comboios não numerosos e há grande falta de animais de tração. A 3 de maio um corpo de cavalaria missioneira, de uns 3.000 combatentes, defronta-se com o exército aliado em marcha. Ao pressenti-los, passam espanhóis e portuguêses a um dispositivo capaz de atender a quaisquer necessidades táticas, sem que se detenham.

Os índios esboçam movimentos envolventes contra a vanguarda aliada e mesmo contra o grosso da coluna em marcha. Depois dessa finta às tropas guaranis lançam-se em impetuosa carga contra a retaguarda dos aliados, aos quais adequada articulação da coluna de marcha, haveria de permitir sempre melhores condições de luta: os atacantes são repelidos pela força que cobriam a marcha e suas reservas. Rechaçados, os índios desfilam em retirada pela frente da artilharia aliada, que lhes causa muitas baixas.

No dia 1 de maio os aliados têm sua marcha mais uma vez detida pelo inimigo que defendia a passagem do rio a que chamaram Churiebe (arroio Chuni) que ficaria a umas duas jornadas de São Miguel.

O terreno fôra cuidadosamente fortificado, mas as instalações apenas de alguns ângulos ficavam escondidas nos matos. Sômente um Forte

coroava a colina, batendo com seus fogos e flexas o ponto de passagem. Os soldados deviam atravessar o arroio com água pelo joelho e debaixo dos projetis dos defensores da posição.

O Comando aliado apreendendo rapidamente a situação, monta a seguinte manobra: puxa para frente a massa de sua artilharia com a qual bate rijamente o Forte que domina a estrada, ao mesmo tempo que a infantaria avança através de difícil passo do pequeno curso d'água. O inimigo abandona o Forte com grandes perdas, enquanto que os aliados sofrem apenas 3 baixas. Esse resultado foi obtido graças ao rudimentar armamento dos soldados indígenas e à neutralização levada a efeito pela artilharia que permitiu aos atacantes, uma vez transposto o arroio, retornar às formações de ataque sob a vista do inimigo mas sem que este pudesse fazer uso conveniente de suas armas ou contra-atacar.

Logo depois desses acontecimentos, os aliados prosseguem a marcha. No dia 14 de maio uma patrulha de aventureiros paulistas choca-se com patrulha inimiga, sabendo-se então que o povo de São Luís já fôra evacuado sob a direção dos padres, que deixaram na povoação apenas alguns indivíduos encarregados de lançar fogo às casas e a tudo o mais.

A 16 entraram os aliados em São Miguel, que encontraram em chamas, abandonada pelos moradores; na manhã seguinte, o povo de São Lourenço é surpreendido pelos portuguêses e depõe as armas. Os dois exércitos marcham agora reunidos e a 11 entram na redução de São João Batista, onde estaciona o exército espanhol, indo o português para o povo de Santo Ângelo.

Estava finda a guerra mas ainda antes de terminar o ano os moradores de São Nicolau preparam um golpe contra a cavalhada do exército espanhol, emprêsa que resultou mal sucedida sendo os missionários desbaratados por um corpo de cavalaria. Os remanescentes dessa tropa, junto a outros elementos da região, somavam cerca de 14.000 homens que se abrigaram nos matos, de onde saíam para sortidas sempre facilmente reprimidas.

As tropas portuguêses permaneceram 10 meses no território conquistado, retirando-se posteriormente para Rio Pardo.

III — DOMINAÇÃO ESPANHOLA NO RIO GRANDE

A — O DISTRATO DE EL PARDO E SUAS CONSEQUÊNCIAS — PEDRO CEVALLOS

Fundado o Presídio, ficou o Continente sob a jurisdição dos Governadores de Santa Catarina até 1747 quando elevado à condição de Capitania, dependente do Rio de Janeiro, recebeu como primeiro governador o Coronel Inácio Eloy de Madureira.

Este, após três anos de boa administração, entrou a disputar com o seu principal auxiliar, o Provedor da Fazenda, Dom Manuel da Costa de Morais Barbarica, sendo que tais desentendimentos viriam a ter para o Rio Grande consequências desastrosas.

Em 1758 Dom Pedro Cevallos, que trouxera da Europa um forte contingente de homens bem armados e equipados, assumiu a governança de Buenos Aires e o comando das forças espanholas, em substituição ao General Andonaegui.

Inimigo acérrimo da expansão portuguêsa, uniu-se Cevallos aos jesuítas aos quais sobravam razões para odiar os lusos, e passou desde logo a manifestar hostilidade a Gomes Freire que, entretanto, não mostrou dar grande importância aos atos do General espanhol o qual, a partir de 1760 reclamava em longas cartas a entrega das terras do Rio Grande que alegava pertencerem à Espanha em virtude da anulação do Tratado de 1750 e consequente restauração das disposições de Tordesilhas.

Durante o ano de 1761 foram assinados na Europa dois documentos destinados a repercutir largamente no Rio Grande:

— O Tratado de "El Pardo", assinado a 12 de fevereiro e que, anulando o Tratado de 1750, fazia recuar para o critério abstrato de Tordesilhas todo o agudo problema divisório existente nas colônias sul-americanas;

— E o "pacto de família", convênio firmado a 15 Agô 1761 pelos soberanos de França, Espanha e Nápoles, aparentados e pertencentes à Casa de Bourbon, e cuja aliança visava contrabalançar o crescente poderio político-militar da Inglaterra que saía da Guerra dos Sete Anos como soberana dos mares.

Não podendo atingir diretamente a Inglaterra, procuravam as potências coligadas fazê-lo atacando os países aliados. Portugal, não tendo aderido ao pacto em virtude de sua tradicional aliança britânica, teve já no ano seguinte o seu território metropolitano invadido pelos espanhóis e, como sempre ocorria, a guerra alastrou-se pelas colônias americanas às quais o governador de Buenos Aires ia encarregar-se de estender o conflito, no evidente propósito de restaurar, pelas armas, a vigência do Tratado de Tordesilhas.

Por volta de 1762, enquanto discutiam as duas principais autoridades do Sul, Gomes Freire de Andrade, Governador Geral, no Rio de Janeiro, procurava acautelar a segurança do país face às consequências que ameaçavam as colônias ibéricas americanas.

Era de se esperar que além da Colônia do Sacramento, destinada a sofrer o principal embate, as operações se prolongassem às terras do Continente visto como Cevallos, desde 1760, vinha protestando contra a ocupação portuguêsa do Rio Grande.

E era fraca, em tão difícil contingência, a situação militar do Continente cuja guarnição compunha-se do Regimento de Dragões dividido nas fronteiras do Rio Grande e Rio Pardo, de duas companhias de Milicianos e de um pequeno número de artilheiros nos Fortes, não montando tudo a 1.000 homens.

Ativo e previdente, Gomes Freire procurava organizar novas fôrças, ao mesmo tempo que solicitava reforços ao Governador de São Paulo o qual organizou e fêz baixar quatro Companhias de aventureiros num total de 200 homens.

Seguro sobre a Vila do Rio Grande pela confiança nas qualidades de administrador do Coronel Eloy de Madureira e pelas providências de defesa determinadas, julgava Gomes Freire e o fazia como conhecedor da região, que a grande necessidade militar era fechar Angustura de Castilho pelo Chuí e forte de São Miguel.

Para execução dêsse intento oficial lhe parecia em melhores condições do que o Coronel de Dragões Thomaz Luís Osório, seu antigo conhecido da Campanha das Demarcações, oficial de carreira e que servira no pôsto de Capitão de Dragões do Rio Grande de São Pedro desde 3 de maio de 1737 até 24 de dezembro de 1749, sendo promovido a Sargento-Mor do mesmo regimento por patente de 13 de setembro de 1750.

Quando se tornou iminente a invasão castelhana, o Coronel Osório recebeu instruções para fortificar Angustura de modo a cobrir a poção do Rio Grande, impedindo a marcha dos invasores em direção ao norte.

Pelas instruções da Junta Gubernativa, "deviam as fôrças de Santa Tereza opor-se à passagem do inimigo, desde que fosse possível manter sua linha de comunicações e abastecimentos; caso o inimigo ameaçasse contornar a posição, as tropas abandonariam as fortificações de Santa Tereza e São Miguel, continuariam sua retirada até a Vila do Rio Grande, onde passariam para o lado norte para defendê-la".

Na execução das ordens recebidas, reuniu o Coronel Thomaz Luís os diversos destacamentos de Dragões espalhados por aquela fronteira de Rio Pardo e com uma fôrça de 400 homens, Dragões e Milicianos, com oito peças de bronze e duas de amiudar, petrechos e munições, deixando 100 Dragões de guarnição no Presídio Jesus Maria José, no alto da fortaleza, dominando o Jacuí, partiu a seu destino e, com 12 dias de marcha, acampou a 10 de setembro na margem norte do Chuí, a 50 léguas da Vila do Rio Grande em posição que lhe pareceu conveniente, e onde já se achava o Sargento-Mor Pedro Pereira Chaves, encarregado por Gomés Freire de comprar cavalos, e esperar o desenrolar dos acontecimentos.

Assim, em outubro de 1762, surgiram as trincheiras de Santa Tereza, meses depois transformadas numa ampla fortaleza de forma pentagonal,

que barra agora, em conjugação com o Forte de São Miguel, o Caminho do litoral para a Vila do Rio Grande.

As operações militares que se seguiram, desenvolveram-se em 3 campanhas principais levadas a efeito em 1762/63, 1773 e 1777, intercaladas por ofensivas parciais dos luso-brasileiros, empenhados na restauração do nosso domínio territorial.

B — CAMPANHA DE 1762/1763

Esta campanha que visava a conquista do Continente de São Pedro — plano maduramente estabelecido por Cevallos e para cuja execução o General espanhol havia se preparado cuidadosamente — comportou duas ações distintas: a conquista da Colônia do Sacramento e a invasão do território continental.

1 — CONQUISTA DA COLÔNIA DO SACRAMENTO

Dispondo de enorme superioridade de fôrças, lançou-se Cevallos de início sobre a Colônia abordando a praça, no dia 1 de outubro, à frente de um exército de 4.000 homens dos quais 1.200 guaranis. O fogo teve início no dia 5 e só cessou a 29 quando a guarnição capitulou, após heróica resistência.

Conquistada a cidadela, cuja guarnição não chegava a 900 homens, inclusive os habitantes que podiam pegar em armas, Cevallos dirigiu-se para Maldonado onde estabeleceu uma base de operações.

Após um curto período de organização e instrução da tropa, Cevallos à frente de 6.000 homens, retomou um movimento para o Norte no dia 8 de abril, marchando em duas colunas ao longo da faixa litorânea. Sua vanguarda era constituída por 150 dragões e a artilharia, que seguia no centro do dispositivo, constava de 20 peças de campanha e 4 morteiros pesados.

2 — INVASÃO DO CONTINENTE DE SÃO PEDRO

Uma semana após haver deixado a sua base de operações, Cevallos alcançou Castilhos Grandes e, dirigindo um contingente de 3.000 homens e 24 canhões, tomou contato com o Forte de Santa Tereza defendido por 1.140 homens comandados pelo Coronel Tomaz Luís Osório.

Conquistado o Forte, o General espanhol passou a atacar o de São Miguel que logo depois também capitulava, mercê da confusão e terror pânico que lavravam nas guarnições portuguêssas. Praticamente sem luta, em dois dias (18 e 19 de abril), conseguiu o General espanhol franquear o acesso à Vila do Rio Grande, dominando as fortificações que a protegeu.

De Santa Tereza, Cevallos destacou o Capitão Molina com um contingente de 760 espanhóis e 500 índios sobre a Vila do Rio Grande, chegando no dia 24 de abril à povoação fundada pelo Brigadeiro Silva Paes a qual, também sem resistência, caía em poder das forças invasoras.

Um contingente das tropas de Cevallos já havia transposto o Canal do Rio Grande, quando foi recebida a notícia do armistício assinado na Europa entre as duas nações ibéricas.

A facilidade com que Dom Pedro de Cevallos se apoderou dos Fortes de Santa Tereza e São Miguel e da povoação do Rio Grande, é menos uma consequência do desaparelhamento daquelas praças ou da covardia de seus defensores, do que o resultado da animosidade e inveja que perturbavam as relações entre o Governador da Província, Coronel Eloy de Madureira e o Coronel fronteiro Thomaz Luís Osório.

"As incompatibilidades que já no tempo de paz separavam os chefes militares entre si", escreveu o General Paula Cidade, "não podiam deixar de agravar-se durante a guerra".

3 — SITUAÇÃO DAS FÔRÇAS LUSO-ESPAÑOLAS NA REGIÃO DO CANAL

Ocupada a margem norte do Canal, as vanguardas espanholas, depois do dia 13 de maio, fortificaram-se na posição de São José do Norte, onde construíram um Forte armado de 6 peças.

Tudo indica que Cevallos ao entrar na Vila do Rio Grande, em princípios de maio, já soubesse da assinatura da paz na Europa que ocorreu a 11 de fevereiro mas que fingira ignorar para conseguir melhores resultados estratégicos.

Opondo-se aos espanhóis reuniram-se os portuguêses, chefiados pelo Capitão Francisco Pinto Bandeira e ocuparam posição defensiva na estância das Tratadas, a 4 léguas do Canal, estendendo sua linha até a capororoca à beira da lagoa. Esta posição fazia frente aos espanhóis cuja linha avançada passava na estância do Tesoureiro.

Estabelecida pelos representantes das tropas em contato a linha de estabilização das fôrças espanholas e portuguêses, ficou a guarda lusitana estacionada na estância da Tratada, sob o comando do Capitão Francisco Pinto Bandeira, e com um posto avançado na capororoca.

Terminado este primeiro embate, procedeu-se por ordem do Vice-Rei a uma devassa (inquérito) que responsabilizou pela nossa derrota os Coronéis Eloy de Madureira e Thomaz Luís Osório. Este, pela vergonhosa entrega ao inimigo dos Fortes de Santa Tereza e São Miguel — portas de acesso à Vila do Rio Grande — foi executado; aquél, por incapacidade foi condenado à prisão.

Segundo os termos do Tratado da Paz de 1763, que mandava restabelecer o "statu quo" anterior ao conflito, Cevallos deveria ter devolvido os territórios conquistados durante a campanha. Abusando

porém da força que detinha no momento, o General espanhol sofismou e resistiu apenas a Colônia do Sacramento, evidentemente um esclave face de ser retomado pelos espanhóis, e manteve a posse do Rio Grande.

Cevallos retornou à Espanha em 1767, passando o governo a Bu-carelli que foi, por sua vez, substituído em 4 Set 1770 por Dom João José Vertiz y Salzedo.

Com o afastamento do Coronel Eloy de Madureira, assumiu o governo do Rio Grande de São Pedro o Coronel José Custódio de Sá e Faria que pôs em execução uma série de medidas tendentes a expulsar os espanhóis da capitania, e que culminaram com um ataque malogrado à Vila do Rio Grande. Não obstante este insucesso, um primeiro resultado foi obtido: a expulsão das forças castelhanas para o sul do Canal (junho de 1767).

C — CAMPANHA DE 1773

Instalados lusos e espanhóis numa e na outra margem do Canal, não faltariam motivos para disputas cada vez mais graves e animosas. À discussão sobre o direito de posse das do estreito, o Coronel espanhol Dom José de Molina, comandante militar da Vila de Rio Grande, veio acrescentar nova e original polêmica insurgindo-se contra o fato de o novo governador português, José Marcelino de Figueiredo, assinar-se Governador da Capitania do Rio Grande de São Pedro enquanto que o seu antecessor, José Custódio, só se dizia Governador de Viamão.

A natural animosidade entre espanhóis e portuguêses foi-se agravando cada vez mais até que Salzedo, espírito belicoso e apaixonado que acreditava mais na força das armas do que no poder dos tratados, pretendeu, segundo o General Tasso Fragoso, "conquistar Rio Pardo, expulsar os portuguêses para a margem norte do Jacuí e transformar esse rio e a Lagoa dos Patos em limites das terras disputadas pelas duas monarquias".

1 — OPERAÇÕES MILITARES

Com esse objetivo desde setembro de 1773, começou o governador de Buenos Aires a enviar para Montevidéu os contingentes destinados a constituir o exército invasor o qual, em novembro, perfazia um total de 5.000 homens, dos quais 1.014 de tropas regulares já se encontravam em condições de iniciar o deslocamento.

No dia 9 desse mês Salzedo iniciou a marcha para o norte através do dorso da Coxilha Grande, itinerário anteriormente percorrido pela Comissão Demarcadora de Limites e que conduzia diretamente sobre o Rio Pardo onde o General espanhol contava surgir de surpresa, tendo em vista a originalidade do plano que adotara.

Aconteceu, porém, que o governador José Marcelino, que se encontrava na barranca do norte, ao ter conhecimento da marcha de Vertiz y Salzedo contra a fronteira do Rio Pardo, deslocou-se rapidamente para Pôrto Alegre. Desenvolvendo incansável atividade e revelando-se o chefe para difícil emergência, determinou o Coronel Marcelino ao fronteiro do Rio Pardo — Coronel Pereira Pinto — que reunisse todos os milicianos do distrito. Ao Tenente Cipriano Cardoso, notável guerreiro, ordenou que convocasse todos os homens que pudesse e marchasse para o sul do Jacuí a fim de reunir-se às forças do famoso Rafael Pinto Bandeira, a quem atribuiu a missão de ir ao encontro da coluna invasora e assinalar-lhe o movimento.

Nos primeiros dias de dezembro, Vertiz y Salzedo alcançou as cabeceiras do Rio Negro e, pouco além dos cerros de Bagé, numa altura dominante, levantou um Forte a que deu o nome de Santa Tecla, o qual respondia a um duplo objetivo: constituía um ponto de apoio para as futuras operações e firmava o direito de posse da Espanha aquelas terras também disputadas por Portugal.

Construído de taipa e torrão, com profundo fôsso circundante, o Forte era um pentágono de lados desiguais tendo 4 baluartes inteiros e um meio baluarte arrematando a estaca que o fechava pelo lado do norte. O recinto fortificado encerrava as acomodações para o comando, oficiais, praças, pátios e capela, bem como às cacimbas para aprovisionamento d'água.

Iniciado o Forte, Vertiz deixou uma guarnição a terminá-lo e, com este ponto de apoio estabelecido na campanha, continuou sua marcha rumo ao passo do Piquiri, despontando às cabeceiras do Camaquã e do Irapuá.

O passo do Piquiri foi atravessado pela coluna invasora a 5 de janeiro de 1774, sem encontrar resistência. A 13, Vertiz acampou a 2 léguas do Rio Pardo.

Enquanto isto o governador José Marcelino alcançava Rio Pardo, onde passou a dirigir pessoalmente as obras de defesa, precedendo a chegada das forças espanholas.

Ao chegar face a Rio Pardo, o chefe espanhol procurou intimidar o governador Marcelino que não só não se deixou abater como conseguiu iludir os espanhóis quanto ao efetivo da defesa.

Vertiz, desencorajado quanto às suas possibilidades e desanimado com o revés infligido a uma coluna de Francisco Zabala, no passo do Tabatingaí, por Rafael Pinto Bandeira, resolveu desistir do planejado ataque ao Rio Pardo. (Ver: O combate do Tabatingaí). No dia 16 de janeiro levantou acampamento e empreendeu a marcha de regresso para a Vila do Rio Grande, por São Gonçalo.

Encerrava-se dessa forma a Campanha de 1773 que, iniciada sob a forma de uma invasão ameaçadora, transformou-se em uma marcha "de inspeção militar", como a classificou o próprio general castelhano.

Deve-se o sucesso luso-brasileiro à serena energia com que o governador José Marcelino soube enfrentar a difícil contingência.

2 — O COMBATE DE TABATINGAI

Arrogante com o sucesso de Piquiri, marchou Vertiz em duas colunas, uma sob seu mando, constituída das forças regulares que trazia, com quatro peças de campanha, 574 homens, marchando pelas pontas do arroio Dom Marcos, foi acampar sem a menor oposição no dia 5 de janeiro na estância do Capitão Fernando Pereira a duas léguas do Rio Pardo, de onde enviou nova carta a José Marcelino.

A segunda coluna constituída com os Milicianos de Corrientes e Santa Fé, ao todo 440 homens, ao mando de Dom Francisco Bruno de Zabala, mandou para o passo do Tabatingai, onde constava a Vertiz a existência de outra pequena guarda portuguêsa.

De pequeno curso é o Tabatingai, porém os grandes banhados em suas margens constituíam poderosa defesa à guarda que em pequena coxilha à sua margem direita, escolhida pelo Capitão Francisco Pinto Bandeira quando pela primeira vez a sitiou em 1768, fronteira ao passo, e a cavaleiro da estrada para o Rio Pardo, vigiava a aproximação da povoação a mais afastada para o oeste das posições rio-grandenses.

Defendia o passo o valoroso Rafael Pinto Bandeira, mal refeito ainda da arrancada de Santa Bárbara, reforçado pelo Capitão José Carneiro da Fontoura, comandante da Guarda interior de Jacuí.

Segundo Alcides Cruz, os espanhóis transpuseram a Ribeira quase sem insulto, embora tivesse sido muito o empenho da resumida guarda portuguêsa em defender a passagem, afinal cedida.

Mas ao desenvolverem os espanhóis a marcha em direção ao quartel (que era um reduto) sobre a coxilha, surpreendeu-os uma guerrilha dos nossos, que engajando fogo cerrado fez com que a coluna contrária se preparasse para uma ação geral. Alguns esquadrões espanhóis, numerando a mais de 400 homens, foram destacados do grosso das forças e carregando sobre os nossos, romperam as linhas d'estes, e aproveitando a confusão conseguiram arrebatar os cavalos que os defensores riograndenses conservavam de sobressalente nas imediações da guarda.

Pinto Bandeira, entretanto, aproveitando o desvario do inimigo que já se supunha vencedor, reúne a sua tropa e, em ligações com seus capitães Cipriano e Carneiro, consegue bater os castelhanos, atraindo-os, por hábil manobra, para um terreno pantanoso onde foram encurrallados.

D — TENTATIVA DE RESTAURAÇÃO TERRITORIAL

Malograda a audaciosa tentativa de Vertiz y Salzedo, que veio justificar e estimular o espírito offensivo dos luso-brasileiros, trataram ambas as metrópoles de reforçar militarmente as suas colônias, na expectativa de novos acontecimentos.

1 — MOVIMENTAÇÃO DE TROPAS

Portugal reforçou o Brasil com parte de seu exército metropolitano, cujos efetivos deveriam ser completados com elementos dos Açores. Nomeou comandante geral das fôrças no Rio Grande o Tenente-General João Enrique Böhm e Engenheiro-Mor e chefe da artilharia o Brigadeiro Jacques Funck.

Da parte do nosso Vice-Rei, então o Marques de Lavradio, foi enviada para o Sul toda a tropa do Rio de Janeiro inclusive a sua escolta, constituída pela Companhia de Dragões.

Os enpanhóis pretextando substituições de tropas, por sua vez, também trataram de reforçar os elementos que ocupavam o território sul-rio-grandense. Tais providências de portuguêses e espanhóis fizeram com que ao sul se concentrasse os grossos das tropas disponíveis por cada um dos contendores, para a época apreciáveis efetivos cuja localização, em 1775, era a seguinte:

Tropas luso-brasileiras

— No Rio de Janeiro — um Regimento de Infantaria, um de Artilharia, a 1^a Companhia de Dragões e elementos vindos da Bahia;

— Em Santa Catarina estacionava parte das fôrças enviadas de Portugal e do Rio de Janeiro, bem como um Regimento de Pernambuco;

— No Rio Grande do Sul, as fôrças estavam assim distribuídas:

— Legião de Voluntários de São Paulo, ocupando Rio Pardo; Regimento de Santos, em Pôrto Alegre, cujo grosso, sob o comando de Roncali destinava-se às operações; do lado de São José do Norte estabeleceram 5 postos reforçados com artilharia; a frota que defendia o Rio Grande era constituída por uma corveta, à qual se juntou pouco depois um reforço comandado pelo Capitão de Nau de Guerra Jorge Hardcastle.

— Tropas espanholas

Dispunham os espanhóis de cerca de 3.500 homens, sendo uns 1.700 do lado do Rio Grande e duzentos rebatidos pelos Fortes de Santa Tecla, São Martinho, Santa Tereza e São Miguel. Na Vila do Rio Grande estabeleceram 4 postos artilhados, face aos nossos, dispondo aí de uma frota com seis navios.

Na Colônia do Sacramento continuava o bloqueio que se iniciara com a chegada de Vertiz. Os espanhóis sentindo a inferioridade em que estavam, tentaram uma solução mas, ao que se presume, Portugal não se fêz de entendido.

Rompia-se finalmente depois de muitos anos, o equilíbrio em favor de Portugal que, tomando a iniciativa das operações, levaria a efeito a partir de 1775 uma série de operações locais, destinadas a expulsar do Rio Grande os invasores que aí permaneciam desde 1763.

Na época eram três os pontos chaves mantidos pelos espanhóis na Capitania: a Vila do Rio Grande, que dominava o litoral; o Forte de Santa Tecla dominava a campanha e o entrincheiramento de São Martinho, barrava o acesso ao planalto. Dêstes, o último, era, apesar de mais fraco, o mais ameaçador porque reforçado em tempo, poderia servir de base para um ataque sobre Rio Pardo, desfechado através dos passos do Jacuí.

Apoiados nesses três pontos fortes, os espanhóis dominavam, praticamente, todo o Rio Grande de então, porque: pelo Sul, estendiam o seu controle até Santa Tecla no município de Bagé, o que lhes assegurava o domínio de toda a campanha; para Leste, alongavam-se até as proximidades do arroio Piquiri, no município de Rio Pardo, ponto onde se achava a guarda avançada portuguesa. Daí para o Norte, remontando o Jacuí, era o território considerado parte integrante dos Sete Povos, cuja jurisdição estendia-se pela margem direita do rio até alcançar o Mato Castelhano, já no planalto de Passo Fundo. Fronteiro ficava o Mato Português e, entre ambos, corria o velho caminho das bandeiras e tropeiros que buscavam as Vacarias da Serra.

Se atentarmos em que o planalto de nordeste era praticamente despovoado e que o litoral, até Rio Grande, estava na mão dos invasores veremos que permaneciam com os portugueses apenas o litoral norte, até São José, a região do Viamão, Lagoa dos Patos, Guaíba e a calha do baixo Jacuí.

No dia 31 de outubro o bravo Rafael Pinto Bandeira tomou de assalto os entrincheiramentos de São Martinho; a 21 de fevereiro, Mac Dowell, com sua esquadra tentou silenciar ou destruir os Fortes espanhóis que defendiam o Canal e a Vila do Rio Grande, mas sofreu sério revés; aos 25 de março, ainda Rafael Pinto Bandeira cercou, submeteu e arrasou o Forte de Santa Tecla; e, finalmente, a 1 Abr 1776 o Tenente-General Böhm renovou o ataque à Vila do Rio Grande e conseguiu repelir os espanhóis para além do arroio Chuí (ver: Reconquista do Presídio do Rio Grande e a conquista do Forte de Santa Tecla).

Foi justamente nesse interim que chegaram as ordens do governo de Lisboa, por intermédio do Vice-Rei do Rio de Janeiro, determinando a cessação das hostilidades com os espanhóis. Grande parte do território disputado estava já no entretanto, em poder dos portugueses.

2 — RECONQUISTA DA VILA DO RIO GRANDE

Após a fracassada tentativa de fevereiro, em que a esquadra de Mac Dowell tentou forçar a barra a fim de permitir que Böhm inva-

disse a Vila do Rio Grande, recrudesceram as disputas das duas guarnições inimigas que, situadas de um e outro lado do Canal, mútuamente se hostilizavam, assim como bombardeavam os navios da bandeira adversa que entravam em barra.

Ativamente os espanhóis reforçavam suas posições em Santa Tereza e apressavam a expedição de Cevallos, de 20.000 homens, no propósito de assenhorearem-se da ilha de Santa Catarina e de ambas as margens do Canal do Rio Grande.

Por sua vez os português, ao tempo em que acumulavam reforços na margem norte do Canal, procuravam cobrir as direções perigosas: as das Missões, reforçando as guarnições dos passos do Jacuí, Botucari, Viúva, Fandango, Romão e Pederneiras; e a campanha reforçados os passos do sul do Jacuí (Guaiába, Piquiri, Icuí e Tabatinga).

O mês de março foi ocupado em ultimar preparativos do ataque, sigilosamente, como convinha, e tudo pronto e determinado o plano, veio o aniversário da rainha D. Mariana Vitória permitir que sob a capa de sua festa se ultimassem o golpe já demorado.

Amanheceu o dia 31 de março, domingo, e as salvas festejadoras do aniversário da rainha, no arraial e na esquadra, embandeiramento geral, levaram os espanhóis ao descanso pela convicção de ocuparem-se os português mais com festejos do que com ataques a sua vila e pela noite, aparatoso baile mais os convenceu de que podiam dormir tranqüilos.

E, no entanto, no aquartelamento do General-em-Chefe Hard-Castle, José Raymundo Chichorro da Gama Lobo, Sebastião da Veiga Cabral da Câmara, Manoel Soares Coimbra, José Manoel Carneiro de Figueiredo e o Tenente Manoel Marques de Souza, o primeiro da trindade gloriosa dos Marques de Souza, também presente devido a seus conhecimentos da zona, resolviam o modo de agir pela alva de 1 de abril, para supreender o inimigo.

Dois destacamentos passariam o Canal: um sob o mando do Major Manoel Soares Coimbra, composto de duas companhias de granadeiros, uma do Regimento de Estremoz e outra do 1º Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro, o Regimento Velho, como diziam; o segundo destacamento sob o mando do Major José Manoel Carneiro, também composto de duas companhias de granadeiros, uma do Regimento de Moura, e a outra do de Bragança, regulando 200 homens cada destacamento.

A essas fôrças, destinadas ao ataque por surpresa dos fortes do Mosquito ou de Santa Barbara, e o da Trindade, o mais vizinho da Mangueira, seguir-se-iam os Brigadeiro Chichorro e o Coronel Veiga Cabral com o resto dos regimentos, a sustentar a ação das primeiras colunas.

Da guarda do norte iria o Sargento-Mor Roberto Rodrigues da Costa com 150 homens atacar a ponta da Macega.

A esquadra de Hard-Castle aguardaria o sinal convencionado, três foguetes para a tomada dos fortés, para levantar ferros e atacar a esquadra de Dom Francisco Morales.

Embarcaria a primeira coluna no pontal São Jorge, nas lanchas das sumacas mercantes que se achavam ancoradas no lagamar, e em jangadas, para desembocar nas praias do sul do Forte de Santa Bárbara, ao qual devia atacar.

A segunda coluna embarcaria no Forte do Patrão-Mor, nas lanchas das embarcações de guerra e em jangadas, devendo seu pessoal desembarcar entre o Forte da Trindade e o da Mangueira, aos quais devia atacar, indo como prático desta coluna o Tenente Marques de Souza.

A esquadra de prontidão, a espera do sinal, velejaria ao recebê-lo, na seguinte ordem de marcha.

- 1º — fragata Graça;
- 2º — fragata Glória;
- 3º — corveta Vitória;
- 4º — corveta Invencível;
- 5º — corveta Belona;
- 6º — corveta Penha; e
- 7º — sumaca Sacramento,

ficando os mais navios fundeados a espera de novas ordens; e para evitar equívocos não deviam os navios romper fogo sobre os Fortes sem ser por êles atacados, agindo neste caso, conforme os sinais de comando.

E tudo determinado e executado com sigilo e presteza, zarparam pelas 3 horas da madrugada de 1 de abril as duas colunas a executar os seus objetivos.

Fêz sua travessia a primeira coluna sem ser pressentida, desembarcando na praia de seu destino, e já em marcha para o Forte de Santa Bárbara, desbaratou uma patrulha que encontrou, atacando de escalada o Forte com o melhor êxito, de forma que, às 04h15m, estava na sua posse fazendo os sinais luminosos combinados.

Retiraram-se apavorados os que escaparam da guarnição, deixando 3 soldados mortos e feridos: o Capitão José Aldivez, Tenente Joaquim Vila-França, Cadete Francisco Reyna e sete soldados e 16 prisioneiros, tendo os portuguêses um só soldado ferido.

Menor era a distância a percorrer pela segunda coluna, mas quis a má sorte que algumas lanchas encalhassem no baixio em frente a enseada da Mangueira, e o ruído consequente fê-los pressentido pelo bergantim espanhol Santa Matilde que logo rompeu fogo, mas a êsse

tempo, já abicavam a praia de seu destino as demais lanchas, saltando os soldados com água pela cinta, a espada nos dentes e a cartucheira na cabeça, a fim de não molhar a pólvora.

Os tiros dados pelo bergantim espanhol Santa Matilde causaram mais confusão aos da própria guarnição do Forte de Mangueira que mal as embarcações portuguêses, pois ignoravam contra quem eram feitos, pois não esperavam ataque àquela noite, enquanto a tropa portuguêsa seguia para o Forte de Trindade, que atacado pelo flanco e retaguarda, ataque nunca esperado por êsses lados, teve de se render, apesar de fortes resistências e novos sinais indicarem a posse desse Forte.

Custou aos portuguêses a tomada do Forte da Trindade, dois granadeiros e um artilheiro, morto, e um Cadete e dois granadeiros feridos, perdendo os espanhóis o Capitão Félix Iriarte gravemente ferido, e 11 soldados também feridos.

A confusão causada no Forte da Mangueira pelos tiros da embarcação espanhola, a Santa Matilde, aumentou com a chegada dos fugitivos do Forte da Trindade, que aos gritos narravam o violento ataque português, exagerando-o, a justificar o abandono da posição que guardavam; o mesmo se passando com a guarnição do Forte de Santa Bárbara ou do Mosquito, que procurou abrigo na pequena bateria do Triunfo, recém-criada, e assim denominada para comemorar o fracasso de Mac Dowell, e no forte da Barra, onde levaram o terror da invasão violenta e inesperada de Böhm, a gritar que os portuguêses "levavam todos a fio de espada, sem compaixão".

E ao tempo que o terror se espalhava nas guarnições espanholas dos Fortes do Canal, voltavam as lanchas portuguêses à margem norte, umas a buscar o resto da força do Coronel Sebastião Xavier, e levá-lo para o Forte da Trindade e reforçar as forças do Sargento-Mor José Manoel, lá empossadas; e outras a buscar as restantes companhias do Regimento do Chichorro, a reforçar o contingente do Sargento-Mor Coimbra, no Forte do Mosquito.

Ao tempo que viajavam os contingentes de refôrço às tropas assaltantes, conteiravam os portuguêses aos canhões do Forte da Trindade sobre o da Mangueira, fazendo, pelos seus impactos, os espanhóis abandonarem, retirando-se em lanchas para a Vila de São Pedro, não sem primeiro encravarem os canhões e lançar fogo aos quartéis, armazéns e às embarcações de Pastoriza e Nossa Senhora do Carmo, apresadas aos portuguêses e ancoradas na enseada da Mangueira.

E ao clarear o dia 1 de abril, se bem que enevoado, não obstou que os fortes espanhóis em poder dos portuguêses, entrassem a atirar sobre os navios espanhóis, que ao receberem tiros de perto, desconhecendo a situação em terra, e vendo a esquadra portuguêsa de Hard Castle a largar pano para os acometer, picaram amarras e velejaram

rumo à barra, onde poderiam encontrar vento mais à feição, pois no Canal, mais os lavava a corrente de vasante que a brisa matinal.

Zarpava a esquadilha de Dom Francisco Morales, rumo a barra e surgiram as naves portuguêses de Hard Castle, enfrentando o Forte de Ladino, que valentemente ainda defendia as côres espanholas, e que bastante hostilizou as naves portuguêses, pois também para elas faltava o vento e demoravam sob a pontaria dos canhões do Forte.

O canhoneio do Ladino era acompanhado pelo da esquadilha espanhola ao enfrentar o forte português de São Pedro da Barra, contra esse Forte e contra as sumacas mercantes, que no lagamar, não esperavam o amanhecer; e para escapar aos fogos certeiros do Forte de São Pedro, guinaram tão desastradamente os navios espanhóis que foram encalhar, pelas 8 horas da manhã, no baixio sul, escapando só três, dos seis que eram.

Ficaram no baixio: a corveta Dolores de 18 peças e 80 homens de guarnição do comando de Dom José Emperama; a sézia São Francisco, de 20 peças e 60 homens de guarnição a mando de Dom Francisco Idiaquez e o bergantim Santa Matilde, de 4 peças e 50 homens de guarnição, do mando de Dom Manuel Pando, embarcação bem conhecida dos portuguêses pelas perseguições que fazia às suas lanchas de pesca.

Não conseguindo Dom Francisco Morales safar seus navios encalhados, no que levou grande parte do dia sem ser hostilizado, por determinação de Böhm, ao entardecer, recolheu as tripulações e rumou oceano afora com o bergantim São Thiago, de 18 peças e 80 homens de guarnição que era a capitania; a Sézia Misericórdia, de 20 peças e 60 homens, ao mando de Dom Felipe Lopes; e a sumaca Columba, que servia de transporte. Combatiam as naves portuguêses com o Forte do Ladino e chegando-se a fragata Graça ao alcance de tiro do Forte do Triunfo, com êle iniciou o duelo de artilharia, valentemente combatendo os do Forte, ao passo que a guarnição do Ladino, que sendo mais uma posição defensiva de emergência, não podendo sustentar a posição, queimou armazéns e paióis, retirando-se para a Vila de São Pedro.

Resistiu o forte do Triunfo até às 17 horas, forçando os navios portuguêses a abrirem-se do alcance de suas balas, mas vendo-se cercado, por terra, pelas fôrças portuguêses, sem possibilidade de socorro, arriou a bandeira que tão briosamente defendera; e foram êste Forte e o da Barra, ainda não atacado, que prolongaram a ação militar do ataque à margem sul, pois os acontecimentos que narramos acima se passaram até 8 horas da manhã do dia 1.

Pela tarde de 1 de abril os últimos raios de sol iluminaram o pavilhão das quinas tremulando nos Fortes que durante mais de um decénio ostentaram em terras rio-grandenses a bandeira de Castela; e só ao longe o Forte da Barra, na margem sul do Canal, grande for-

taleza da guarnição — com dragões, infantes, belendengues e artilheiros — arvorava ainda o estandarte espanhol.

Vendo, porém, seu comandante, o risco da posição, sem esperar socorro e na iminência de cair prisioneiro com toda a guarnição pois já as fôrças luso-brasileiras de Böhm se preparavam para cercá-lo — resolveu a retirada pelas 21 horas, seguindo pelo litoral no rumo de Santa Tereza.

Böhm não perdeu tempo nas providências para tomar e ultimar a posse da margem sul do Canal; ocupado o Forte do Triunfo, intimou a Dom Miguel Tejeda, comandante da Vila de São Pedro, a entregar a posição, dando o prazo de três horas para a evacuação. Respondeu Tejada com tergiversações que levaram Böhm a preparar o ataque à Vila, que não foi levado a término porque, a 2, chegou-lhe a comunicação de que a Vila estava abandonada.

Ao mesmo tempo em que Böhm já na margem norte, tomava providências sobre a Vila do Rio Grande e preparava sua fôrça que, no momento montava a 800 homens, para atacar o Forte da Barra, foi divornado do Quartel-General luso-brasileiro, situado no Forte de Santa Bárbara, na madrugada de 2 de abril, forte clarão de incêndio no rumo do Forte da Barra e logo o som de grande explosão veio-lhe trazer a notícia de que naquele Forte, incendiado pela própria guarnição, explodira o paiol de pólvora.

Nos dias consecutivos, já tendo recebido carta do governador José Marcelino, de 5, narrando-lhe a tomada e queima do Forte de Santa Tecla — curiosa carta que dá informações sobre a conduta dos oficiais da expedição — passou Böhm sua gente para o lado sul, acomodando a tropa na Vila, ficando do lado norte apenas as fôrças necessárias para guarnecer os Fortes e em São José do Norte, 4 companhias do Regimento do Rio de Janeiro.

Reorganizados os fortés e aproveitando a artilharia dos navios naufragados, mandou proceder pelos oficiais da Fazenda Real arrolamento do deixado pelos espanhóis, e finalizou seus trabalhos de ocupação, mandando cantar a 7 de abril Te Deum, ao qual compareceu toda a fôrça, para agradecer a Deus a restituição do território sul do Brasil a 13 anos em mãos espanholas.

Procurou Böhm restabelecer o domínio português até o Chuí, e suas guardas avançadas foram se estendendo para o Sul, encontrando abandonado o Forte do Arroio, ocupando o Capitão Tonelet com seu esquadrão o Albardão, seguindo guardas de Dragões a postarem-se no arroio do Baeta e no Mangulho, indo ordens para o Sargento-Mor Patrício Corrêa da Câmara, já em marcha para o São Gonçalo, o qual passou a 22 tomando quartéis no Povo Nôvo a Torotama com 202 Dragões, 80 Auxiliares e 7 Artilheiros para os seus dois falconetes para vir ocupar o Tahim.

Avançava Böhm suas guardas a ocupar o território, que desde 1737, da ocupação de Cristóvão Pereira, firmada por Silva Paes e Ribeiro Coutinho com a fortificação de São Miguel, era considerado português e que a violência de Cevallos, não executando o tratado de 1736, tinha feito perdurar no domínio espanhol, quando recebeu ordens terminantes de Lavradio, suspendingo tódas as hostilidades.

3 — CONQUISTA DO FORTE DE SANTA TECLA

Firmada a decisão de atacar Santa Tecla, há pouco reforçada por ordem de Vertiz, o governador José Marcelino decidiu atribuir a missão às fôrças de Rafael Pinto Bandeira reforçadas com o contingente comandado pelo Sargento-Mor Patrício José Corrêa da Câmara.

A 17 de fevereiro marchou Patrício de Rio Pardo, levando 200 Dragões, 100 Auxiliares, os falconetes e sua guarnição de artilheiros, recebendo no Arroio das Palmas aviso de Rafael para se lhe incorporar no Passo de Piquiri, o que sucedeu a 19, pelas 14 horas.

Tinha Rafael partido do seu pôsto, na Encruzilhada do Duro, nesse dia pela manhã e encontrando-se com as fôrças de Patrício foram todos acampar no Piquiri às 16 horas, levando Rafael em carta de 20, ao conhecimento de Böhm, sua marcha e seu encontro.

A 21 marcharam todos pelas pontas do Irapuá, passando a 25 o Camaquá, acampando a 26 na Carajá, de onde enviaram novamente bombeiros a sondar o inimigo, participando Rafael a Böhm em 24 a razão de sua marcha lenta, que era para não estragar os cavalos.

A 27, ao meio-dia, marcharam do Carajá, onde deixaram com respectiva guarda as bagagens, artilharia e animais cansados, e caminhando tôda a noite foram chegar ao seu destino ao amanhecer de 28 de fevereiro, a fim de fazer o ataque de surpresa, característico dos ataques de Pinto Bandeira.

O efetivo alcançava 619 homens, 3.000 cavalos, 150 bois mansos nas carrétas; 2 falconetes e gado para consumo.

Comandava Santa Tecla o Capitão Luiz Ramires, oficial de infantaria com serviços de guerra, ativo e experimentado; existiam mais no forte um tenente-coronel engenheiro, dois alferes de infantaria, um tenente de Milícias, um capitão, um tenente e dois alferes e dezesseis soldados Dragões, duas companhias de infantaria de 900 homens, um alferes de índios com 60 homens.

Seu armamento consistia em 2 peças de 6,4 de bronze de amiudar e dois pedreiros, dispunha de abundante munição de guerra e charque de 200 reses, fazendo no exterior sua segurança o Capitão Ayala, Tenente de Dragões Escudero e Tenente Gaspar de Lapraça, estando Ayala, ausente, pois tinha ido ao Piratiny acomodar índios Minuanos, bem como o Tenente Gaspar que tinha seguido para Montevidéu com as carrétas e 20 índios.

Falhou a surpresa, pois estavam atentos os espanhóis, e o tiro de canhão de alarma, dado pelo Forte, fez ver aos portuguêses a inutilidade de sua marcha forçada, o que os fêz contramarchar por um dos flancos do Forte e se recolherem em uma canhada, ao abrigo de suas vistos.

Falhada a surpresa, resolveu Rafael, de acordo com as Instruções, cortar os recursos aos espanhóis, e para isso enviou fortes patrulhas de aventureiros a arrebanhar todos os animais das cercanias, voltando essas partidas conduzindo cerca de 1.500 animais cavaleiros e 5.000 cabeças de gado vacum, vindo também aprisionados alguns índios e soldados Dragões e Correntinos.

Nesse dia 28, acampou a tropa a um quarto de légua do Forte, fazendo em volta o seu acampamento e dando início ao bloqueio, situando as forças em grupos, os Dragões, Aventureiros e Granadeiros, formando todos as suas guardas avançadas e piquetes, de forma a isolar o Forte, indo pelo dia 29 arrecadar os animais cavaleiros da guarnição, que pastavam nas encostas do Forte, não sem que dêle rompesse vivo fogo de artilharia e mosquetaria a procurar amedrontar e impedir essa tomada; e nesse dia seguiu carta de Rafael para José Marcelino narrando os acontecimentos e o início do cerco.

Bloqueado, rendendo-se o Forte a 25 de março de 1776, e sua demolição teve início dois dias depois.

Tomados São Martinho e Santa Tecla, restava expulsar os invasores de 1763, do último ponto que ainda ocupavam no Rio Grande de São Pedro: a margem sul do Canal e território até o Chuí.

E — CAMPANHA DE 1777

A recuperação pelos luso-brasileiros do território sulino causou na Espanha uma péssima impressão. O Primeiro-Ministro espanhol, Grimaldi, proferiu tais ameaças a respeito que o Marquês de Pombal receou que os espanhóis levassem a efeito ataques a outros pontos do Brasil que sabiam mal guarnecidos, sobretudo, à Ilha de Santa Catarina e à barra do Rio Grande.

Mesmo assim, enquanto a Espanha aprestava uma grande expedição, Pombal preparava-se para a guerra na Europa e ordenava ao Marquês de Lavradio que consolidasse a nossa situação no Chuí.

1 — MOVIMENTAÇÃO DAS FORÇAS

Fôrças espanholas começaram a ser reunidas em Cádiz e em Maldonado, reforçando as fortificações de Santa Teresa, conforme avisou a 24 de agosto o Coronel Rocha, da Colônia do Sacramento. Idêntico alerta enviou o fronteiro Rafael Pinto Bandeira a 9 de novembro, comunicando a chegada de 600 homens ao Forte de Santa Teresa, sendo duas com-

panhias de Granadeiros; Furtado de Mendonça, em carta de novembro, avisava da próxima chegada de Cevallos com um grande exército, destinando-se a tomar de início a Ilha de Santa Catarina e depois o Rio Grande.

Em novembro, recebendo Böhm cartas de Lavradio que o alertavam sobre a grande expedição que se preparava na Espanha contra as costas sul do Brasil, previu que os espanhóis pretendiam reconquistar o Rio Grande resolvendo, então, reforçar a defesa. Organizou, para isso, com 600 homens, a Legião de Voluntários de Rafael à base de 3/4 de cavalaria e 1/4 de infantaria anexando-lhe a Companhia dos Voluntários Paulistas e a Companhia de Infantaria de Índios da Aldeia dos Anjos. Todas essas forças foram concentradas em Torotama. Ao Brigadeiro José Marcelino, em carta de 25 de novembro, Böhm autorizou o emprêgo das três companhias restantes de voluntários paulistas, nas guardas dos passos até então guarnecidos pelas forças de Pinto Bandeira, no Camacuã; encareceu que fossem guarnecidos os passos de Guaíba, Piquiri, Iruí e Tabatingaí, todos ao sul do Jacuí; bem como os do Butuvarai, Viúva, Fandango, Romão e Pederneira contra possíveis ataques vindos das Missões.

As consequências da derrota sofrida pelos espanhóis em Santa Tecla tiveram ação reflexa sobre os índios Tapes, até então subordinados aos espanhóis e cujo cacique — Miguel Rei — apresentou-se aos português em Piratini pedindo permissão para aí localizar a sua gente. Roncalli compreendendo a vantagem de trazer os ameríndios para o lado dos português, tratou-os bem, atendendo no possível os seus pedidos.

Entrementes, na metrópole, face às reclamações de Vertiz y Salzedo, Carlos III de Espanha criou a 1 de agosto de 1776 o Vice-Reinado do Rio da Prata, nomeando a Dom Pedro de Cevallos para o cargo de Vice-Rei o qual, à frente de um exército de 10.000 homens e com uma esquadra de 116 navios, chegou à ilha de Santa Catarina no dia 20 de fevereiro de 1777.

Era esta a mais imponente Armada que a Espanha já enviara à América e se compunha de 8 navios de 70 canhões, seis fragatas, duas bombardas, oito palhabotes e 97 navios que conduziam 10.324 infantes, 600 dragões e 600 artilheiros, ao todo 11.524 homens de desembarque.

2 — OCUPAÇÃO DE SANTA CATARINA

A Ilha de Santa Catarina estava defendida com alguns Fortes bem artilhados e dispunha de bons contingentes. Não obstante, quando a expedição de Cevallos ali aportou, as guarnições mal dirigidas devido às divergências existentes entre o governador, Antônio da Gama Farjão e o Comandante das Forças, General Antônio Carlos Furtado de Mendonça, abandonaram os Fortes e os demais pontos entrincheirados passando para o continente onde deveria ser oferecida resistência à

invasão. Mas isso não se deu, em parte, porque faltava o auxílio da esquadra que permanecia no Rio de Janeiro e a dificuldade de transporte por terra motivou a resolução do Conselho autorizando a rendição (28 de fevereiro de 1777), assinada pelo Coronel José Custódio de Sá e Faria.

Pelos artigos da capitulação foram as tropas, em quase sua totalidade, despachadas para o Rio de Janeiro em navios espanhóis. Os Chefes foram responsabilizados e presos. Do Regimento da Ilha de Santa Catarina muitas das Praças se espalharam pelo interior e laguna, sendo os oficiais conduzidos para o Rio de Janeiro, e, em sua maioria, reformados como culpados por não terem oferecido resistência aos invasores.

Dominada a ilha e a parte fronteira do continente, Cevalos deixou como governador o Coronel Dom Juan Roca, além de um forte contingente militar (Regimento Hibernia, os Batalhões de Princesa e de Múrcia, três Batalhões de Catalães e 200 artilheiros) sob o comando do Brigadeiro Dom Guilherme Walguam.

Partindo de Santa Catarina a 22 de março destinava-se Cevallos a Castilhos Grandes onde pretendia desembarcar para seguir daí para o Forte de Santa Teresa, onde pensava reunir-se aos elementos de Vertiz. O ataque às forças do General Böhm, que ocupavam diversos pontos fortificados no continente, seria desfechado após a reunião das forças espanholas.

3 — OCUPAÇÃO DA COLÔNIA DO SACRAMENTO

Uma forte tempestade, porém, ocorrida durante a viagem, obrigou a expedição de Cevallos a abrigar-se no Pôrto de Maldonado, frustrando o planejamento anterior. Dêsse pôrto Cevallos enviou um reforço a Vertiz e preferiu dirigir-se para a Colônia do Sacramento onde sabia que escasseava os efetivos e suprimentos. Marchando para Montevidéu, que deixou a 20 de maio, foi concentrar suas forças no arroio de Los Molinos, distância 1 quilômetro da Colônia com a qual entrou em contato a 30 do mesmo mês.

Vendo o governador Francisco José da Rocha que não poderia resistir por muito tempo, enviou um parlamentar com a decisão tomada em Conselho de Guerra, obter uma capitulação honrosa. Cevallos não só desatendeu a parlamentação como prendeu o enviado e atacou a Colônia que rendeu-se a 6 de julho.

No seu ódio aos portuguêses, o General espanhol mandou arrasar a cidadela, receoso, quiçá, de que ela retornasse ao domínio português.

4 — NOVA AMEAÇA SÓBRE O RIO GRANDE

Deixando um forte contingente guarnecedo a Colônia, Cevallos seguiu com o grosso de suas forças para Maldonado (agosto) onde deveria estacionar no seguinte dispositivo:

- 1^a — Brigada — no arroio Rocha;
- 2^a — Brigada — no arroio Garçon;
- 3^a — Brigada — no arroio José Inácio.

No Rio Grande, porém, onde os acontecimentos estavam sendo acompanhados febrilmente desde o início, articulava-se a defesa movimentando tropas e reforçando os pontos sensíveis. Assim, recebida a notícia da queda de Santa Catarina, José Marcelino prevendo um ataque pelo litoral do Rio Grande fez seguir para Tramandaí a Companhia de Granadeiros de São Paulo completa, levando 2 canhões de ferro, munições e ferramenta de sapa para fortificar a angustura de Itapeba (tôrres). Por sua vez, Böhm, fez seguir o General Fuck para delinear a fortificação e o Tenente-Coronel João Alves para executá-la.

O General Böhm, ao ter conhecimento de que Cevallos deixara a Ilha de Santa Catarina com destino ao Sul, e prevendo que o ataque ao Rio Grande seria levado a efeito através da Barra do Chuí, resolveu estabelecer a sua defesa no arroio, além da Vila de São Pedro, onde começou a concentrar fôrças cobertas por guardas avançadas.

Conhecida a queda da Colônia do Sacramento, Böhm fez seguir para a Barranca do Norte, a 15 de julho, 4 Companhias do Regimentos de Santos, bem como a Companhia de Granadeiros com os Estados-Maiores, sob o comando do Coronel Mejia. Em Pôrto Alegre permanecia o Tenente-Coronel João Alves, para comandar os Destacamentos ali existentes.

Não computando as fôrças de Rafael Pinto Bandeira nem as guarnições das frotas de Mac Dowell (1.084 homens) e Hard Castle os efetivos militares do Rio Grande para enfrentar as fôrças de Cevallos alcançavam 5.692 homens assim distribuídos:

Companhia de Guardas do Vice-Rei	60
Regimento de Moura	679
Regimento de Estremoz	627
Regimento de Bragança	661
1º Regimento do Rio de Janeiro	791
Companhia de Infantaria da Ilha de Santa Catarina	57
Companhia de Infantaria do Rio Grande	305
Regimento de Dragões do Rio Pardo	380
Tropa Ligeira do Rio Grande	192
Destacamento de Artilharia do Rio de Janeiro	115
Regimento de Infantaria de Santos	813
Legião de Voluntários Reais de São Paulo	1.012
 Total.....	 5.692

O Coronel Manoel Soares Coimbra, dispondo de 400 granadeiros e de um parque de artilharia completo com canhões de 9 e 12, ocupava posição no local chamado Rancho Velho, situação que os banhados circundantes tornava inexpugnável. Os Fortes do sul da Barra haviam sido reforçados com 200 homens de Infantaria e um Destacamento de

Artilharia, sendo a reserva constituída por 200 homens do Regimento do Rio de Janeiro (Regimento Velho) comandados pelo Tenente-Coronel José Vitorino Coimbra.

O choque previsto, porém, não chegou a verificar-se porque Cevallos, que atingira Montevidéu no dia 10 de agosto, recebeu, a 27, comunicação de que haviam cessado as hostilidades entre as duas coroas terminando, dessa forma, a luta na América.

IV — O TRATADO DE SANTO ILDEFONSO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O BRASIL

A campanha de 1777, embora rápida, foi de desastrosas consequências para Portugal, cuja política, em virtude da morte de Dom José I, ocorrida a 24 de fevereiro desse ano, sofreu profunda alteração. Com o afastamento de Pombal, demitido pela Regente do Trono, lucrou a Espanha que conseguiu juntar uma vitória diplomática ao triunfo que alcançara pelas armas na América.

O triunfo diplomático espanhol decorreu da assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, convênio assinado a 1 de outubro de 1777 e que foi impôsto a Portugal que, receoso de novas agressões por parte das forças de Cevallos, aceitou os termos altamente desvantajosos do ajuste que lhe tomava não só a Colônia do Sacramento e as Missões Orientais como toda a bacia da Lagoa Mirim, em troca da Ilha de Santa Catarina.

A comparação, quanto aos limites meridionais, dos termos dos Tratados de 1750 e 1777 evidencia o esbulho a que foi submetido o reino lusitano. Segundo o Tratado de Madri, "Art. 4º: Os confins dos domínios das duas monarquias, principiarão na Barra que forma na costa do Mar do Regato que sai ao pé do Monte de Castilhos Grandes, cujas vertentes descem por uma parte para a costa que corre do dito Regato do sul para o Rio da Prata; de sorte que os cumes dos montes sirvam de raia para os domínios das duas coroas; e assim continuará a fronteira até encontrar a origem principal e cabeceiras do Rio Negro e por cima delas continuará até a origem principal do Rio Ibicuí, etc. . . ."

Neste trabalho nenhuma zona neutra foi estabelecida.

Vejamos agora os limites, nessa zona, determinados pelo Tratado de Santo Ildefonso:

Dizia seu art. 3º:

"... linha divisória que se formará principiando pela parte do mar no Arroi do Chui e Forte de São Miguel, inclusive e seguindo as margens da Lagoa Mirim a tomar as outras dos rios que vão desembocar nos referidos da Prata e Uruguai, até a entrada neste último Uruguai do dito Peri-Guaçu..."

E no art. 4º:

"... fiquem privativamente para Portugal, estendendo seu domínio pela margem meridional até o arroio Taim, seguindo pela margem da Lagoa Mangueira em linha reta até ao mar e pela parte do Continente irá a linha desde as margens da dita Lagoa Mirim, tomando a direção do primeiro arroio meridional que entrar no sangradouro ou desaguadouro dela, e que corre pelo mais imediato ao Forte Português de São Gonçalo desde o qual, sem exceder o limite do dito arroio, continuará o domínio de Portugal pelas cabeceiras dos rios que correm até ao mencionado Rio Grande e Jacuí..."

Do estudo comparativo dêstes dois arts. (3º e 4º) vê-se o estabelecimento de uma zona neutra, consignada no art. 5º, que ficou compreendida só dentro dos limites de Portugal, estabelecidos pelo art. 3º zona que de fato jogava êsses limites não mais para o Chuí, mas sim para o Taim visto como a zona neutra era interdita a ambas as nações.

Grande devia ser o susto para tal apressamento na feitura dêsse tratado, impôsto pela Espanha que estabeleceu, sem o querer os germes para novas lutas, que vinte anos depois se desencadearam, motivadas sempre pelas questões de novos limites confirmado assim o fato que tratados impostos pelos mais fortes, não solucionavam dúvidas entre partes em questão.

E tão patentes foram as vantagens obtidas por Espanha, com êle, que Flórida-Blanca vangloria-se em sua exposição ao Rei Carlos III, expondo tudo que lucrou a Espanha, só restituindo a Ilha de Santa Catarina, que evidentemente não podiam conservar por ficar isolada entre as terras portuguêsas e a Vila do Rio Grande e seu território, que pelo Tratado de Paris já não lhes pertencia; ganhando em troca a Colônia do Sacramento e posses na zona do Rio Grande de São Pedro, que podiam ser contestadas e que eram as Missões.

Já para os lados de Rio Pardo, os Tapes das Missões, mais influenciados pelos jesuítas espanhóis, não perdiam oportunidade em atacar os colonos portuguêses, que se afoitavam a sair da zona de defesa dos Dragões.

VOCÊ QUE JÁ É ASSINANTE, faça mais
 um assinante para **A DEFESA NACIONAL**, e
 estará assim contribuindo para o engrande-
 cimento de sua Revista, QUE PRECISA DE
 VOCÊ.